

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

Ligeiros e fugaces andam em zig-zags hilariantes, cortando o ar, os guius-guius luzidios e escuros, d'esta escuridade sentimental da dor, como almas fugidas a um lago de duvida, como pensamentos subtraídos a um carcere de soffrimentos.

Aves innocentes, guinguin lo alegres, filhas novigas d'um amor plastico e subjectivo, aves netas da sombra e que aloram o sol, aves que nos trazem o r.r da primavera e a mouça cor de rosa das flores dos jardins e da herva doce dos prados.

E, no entanto, ha quem se entregue ao barbaro prazer de as matar, agora que tudo vive, as plantas e as flores, as vides e o rosmarinho, o jasmim e os nenuphares!

Que mal vos fazem os guius-guius? A forma faz a esthetica. Estas aves lembram as anforinhas. Porque as mataes? São carnivoras, são. Carnivoros somos nós tolos, carnivoros na alimentação e carnivoros muitas vezes nos sentimentos. Deixai-as gozar este bello ar de Portugal. São hospedes que nos visitam: respeitai-os.

E' dolorosamente entristecedor o quadro que vós não vedes, porque não tñdes olhos de ver a dór albeia, o qua'ro da orphan lade e da miseria que cavais ás innocentes aves luzidias d'escuro, d'este escuro sentimental da dór.

Atirae a innocentes; matais inlefezas creaturas.

As vossas espingardas, vede-as, olhai-as, não ficam socogadas depois de desferhar. Vêde. Haiveis de notar que cheiram a erime, que tem a suggestão do remorso.

Eles, os guius-guius, pipirlam hilariantes pelo ar, cortan lo-o e recortan lo-o, porque se alimentam de insectos, e sentem esta alegria animal da preza, quan lo a tomam, quan lo a apanham. E, porque não tem a vossa voz cava e glauca de cazadores, exprimem o seu sentimento de alegria—assobiam lo um grito a tudo de prazer, o grito que vos incomoda, talvez; mas que é mais sympathico e mais doce, do que o clavo som das vossas espingardas e das vossas vozes d'enthusiasmo.

Houve em Portugal um rei que se distrahia—man tanto collocar na pópa dos navios os marinheiros, atiran lo-lhes flechas, por exercicio, para se exercitar assim ao alvo. E diz-se que João Branão, no principio do seu curso de matador de homens, exercitava a sua clavina—atirando, nas estradas, ao primeiro alvo humano que se lhe deparasse.

Tente misericordia. Nem sombra de tal rei,

nem discipulos de tal ban lido. Atirae o vosso bnet ao ar, vós que sois ricos, e gastais polvora e chumbo como Crezus, atirai-o ao ar, e fazei assim exercicio venatorio. Popai os innocentes; ten lo pielado dos inlefezos que vos não fazem mal, que vivem do ar e da luz d'este bello clima de Portugal, que é tão doce como a sua aza suave, e tão suave como o seu pescocito doce.

Vede o quadro da vossa obra:

Na torre da Collegia-la havia um ninho suavissimo de noivos. Dous guius-guius novinhos, na flor da idade, vieram passar alli a sua lua de mel. Ella, que pela primeira vez vizitara este bello paiz de flores e de sol, era o doce envolo d'elle, elle que tambem a vez primeira emigrara do seu paiz de areias immensas e de plagas incomensuraveis. Amavam-se como duas aves. N'um amor to lo termo e caricioso. Osculavam-se e beijavam-se tanto, que até nas vetustas paredes do antigo solar dos Pinheiros a sombra melancholica dos apporã de Beatriz, a castellã, accorlara muitas noitos, julgan lo ouvir a voz ternissima do seu enamorado duque.

E, depois de alvora-las cor de rosa, depois de tardes cor de ouro, ella, a feliz e immacula-la noiva, to la cheia de sonho, ella—alma sonhadora de felicidades, esperou, esperou o seu noivo, e elle não pipirlava por sobre as Torres, não guiu-guia pela ponte, não assobiava finalmente pelo torreo quadrangular da Collegia-la. Noite d'insomnia. A infeliz viuva não dormiu. Os seus olhos redon los ficaram, to la a noite, como dois pontos luminosos, como dous fachos acesos n'um acampamento de guerra, a mostrar, como dois pharoes em mar de sangue, o caminho ao seu muito amado, ao seu verdadeiramente amado.

Elle, em toda a noite não chogou.

Raiou o dia; e ella, doida nente, perdidamente, principiou a cortar e a recortar o ar, con-lamando, chorando, dan lo gritos de dór a chamar por elle.

E, quan lo, n'estes gritos lancinantes, atravessava, como uma viuva de cabellos esparsos e em desalinho, o jardim das Torres, um tiro alvejou a, e ella cahiu mortalmente ferida—aos pés do assassino.

Sim. Assassino quem mata innocentes. A pobresinha, a infeliz, estrebachan lo no ultimo desalento, olhou-o fixamente, os olhos já sem vida-cida le, como que a diz-r-lhe:

—Ah! que me mataste antes de en-ontrar o meu noivo! Como sou infeliz! E que será d'ele?

A LAGRIMA

Melhor nos deixassemos ficar no nosso paiz natal.
E tombou morta!...

Ha cinco mezes que esta pagina não era minha.
Só os innocentes e os perseguidos podiam chamar-me outra vez aqui.

Z. SARAGAGO.

NOTAS DA QUINZENA

Fis-nos em pleno maio.

Um luar branco, assim como um tostão sahido ha pouco da casa da moeda, tem banhado tudo de luz lirial.

Tem crescido o augmentado as folhas das arvores; tem desaparecido da humanidade as camisolas e ceroulas de malha.

O vinho da Vinicola recolhe-se envergonhado e atirgado ao canto das prateleiras, assim como um caixeiro que fosse surprehendido a namorar com a filha do patrão.

A cerveja a 30 reis o copo, muito boa para o negocio e por conseguinte para a gavêta, empeco-nos pelos baldões.

As damas escondem as plasticas em vestidos cor de cereja bical e de queijo flamengo.

O fundo azul da abobada é manchado pelas andorinhas e gaivões, que se cruzam.

Com voz metallica desempenham os burros uma symphonia desapariciua.

*

Sob um céu luado e soulhento fruiram os barcellenses a largos haustos a festa de Cruzes.

As luminarias, o fogo e a muzica, constituiram uma trindade alaere, que abahulou ridencialmente alguns dias da pacata rainha do Cavado.

Assim tivemos luzes aos centos estendendo-se pelas praças e ruas; fogo estralejando pelo azul siderio; muzica aos vagalhões, em rodilhões, por todos os cantos, e... para não desmerecer dos annos anteriores, metacs luzentes saltando no fundo verde das rolêtas.

As barracas as mesmas, com a mesma luz petroleira estendendo-se pelos arruados em que estacavam boquiabertos simples mirones.

Houve este anno uma innovação—os cafés com muzicos ouvideiros, moendo polkas e valsas com a mesma consciencia com que um boi tritura palha milheira.

Barcellos com tantos tercêtos e quartêtos, fez-nos lembrar a Povoa de Varzim em epocha balneanta.

*

Esteve n'esta villa o Baptista do «Sarilho», figura que se destaca no jornalismo bracaraense, assim como o feijão manteiga n'um rancho de macarrão.

Os seus escriptos tem o comdão de fazer bo-

bulhar «lagrimas de riso» ao proprio Marquez de Vallada, e até de fazerem cocegas lasciviosas ao casto Laurinha bricharo.

Os nossos instrumentos de analyse não tem a força sufficiente para profundar o todo incomensuravel do sarilhador...

*

Um progresso material em Barcellos.

Abriu mais um kiosque no Campo da Feira, com cupula zincada e estantes pejadas de tabacos e alcoees.

Assim os nóctivagos não encontrando os kiosqueiros Rouquinho e Sabina d'olho alerta, vão ao do Oleiro.

Se o Oleiro dorme e a Sabina está adormecida, vai-se ao do centro, que é do Rouquinho.

Quer sejam os dos lados ou o do meio, os noitibós terão sempre gente prompta a commerciar.

Um irmão do Relho quer casar. Procura a Soca e a Meca e... nem nada; mulher não apparece. Um finorio diz-lhe que em Gemezes ha uma viuva de ha bastantes annos que quer marido.

Relho irmão, faz a trouxa e bota-se ao caminho.

Traz-traz.

—Quem é?

—Sou eu que quero casar com uma viuva que aqui mora, e preciso de lha fallar já, sem mais delongas.

—Oh! diabo, não pode ser porque acaba de ter agora mesmo um filho...

Que tal!...

Eserve-nos o nosso amigo Domingos Coelho, de Lisboa:

«Venho de assistir á batalha de flores, na Avenida. Muito ouro e muito ouropél, muita gente fina e muita «demi-mondain», muitos trens e poucos carros ornamentados; muita gente, muito arruido e poucas flores; mais abundancia de «confetti» e «sachets de bonbons», que tambem levam uma cartinha amorosa quando a occasião se offerece... Tudo isto é muito bonito, mas a moral... como um Christo. A barcellense mais natural e mais primitiva, sem «sachets» e sem «confetti» é mais poetica por ser mais ingenua.

E' a minha opinião.»

Um leitor do «Commercio de Barcellos» lembra e pede que a Camara faça uma exposiçao de gado por occasião da festa d'Agonia. A ideia é boa. Mas o santo não faz milagres. Peça antes á confraria das Almas que será melhor servido.

A LAGRIMA

SONHO DE LOUCO

Embriaga-me o aroma, que destilla
O fresco orvalho do teu collo algente...
Um fogo intenso inflamma-te a pupilla
E o teu olhar é como forja ardente,

Queima-me todo, rugo ferozmente,
Tem dentro o inferno o ceu, canta e fuzila,
E' violento e é brando, é frio e é quente,
Envolve-me a alma e rutilo scintilla.

Por elle subo ao ceu, por elle desço
Como quem desce a um cárcere medonho
Cheio de sombras e de pesadellos.

Hallucina-me a febre... ou enlouquedo,
E no delirio ardente do meu soubo,
Palpo-te as carnes, baijo-te os cabellos.

LUIZ MURAT.

Este soneto, inedito, é transcripto d'um livro de versos, tambem ineditos, do fallecido Fernando Sá Viana. O seu auctor é um critico d'arte e um poeta de primeira ordem, do Brazil.

Questão de abraços e beijos:

A «Folha da Manhã», que é pudibunda e castissima, publicou uma noticia relatando a maneira brilhante como se houveram, em Amarante, umas *virtuosas* meninas cá da Parvoija. E terminava a noticia, dando-lhes... um abraço.

Nós beliscamos. Dissemos que, em lugar do abraço, era melhor dar-lhes um beijo.

O nosso collega replica assim:

Se ás damas quer beijar,
Faça isso, ande lá;
Nós com isso nala temos,
Dê-lh'o beijo... *acola*.

Ora, antes de mais nada, perdão. Perdão, sim: nós não queremos beijar as meninas que d'aqui foram abrihantar as festas da Semana Santa em Amarante.

Deus nos livre! Ainda devem ter a face triste e sorumbatica de todas aquellas scenas da Paixão do Divino Mestre.

O collega é que as deve beijar.

E se não for *acola*, pode ser *aqui*...

Aqui, aqui, ó «Folha» amada,
aqui aqui, ó linda moça:
um beijo assim na namorada,
é uma espiga desnudada,
que se apalpa e que se roça...

O Paulo é alfaiate. O Paulo tem um café. O Paulo tem um bilhar e uma tasca e uma batola e muitas coisas para meninos e para creanças. E' um bom homem, afinal. E tão bom, que até tem o desejo de possuir lá dentro, atravez do arco de pedra e das salas pouco espaçosas, a luz electrica.

Uma luz que se dizia em tempo viria para Barcellos, mas que parece que já não vem porque a confraria das Almas e a de S. Crispim não se interessam por isso.

Sim. Porque a Camara agora deixa estas cousas para as confrarias...

Vamos ao caso. O Paulo tem a sugestão da luz electrica. Aquillo deslumbra-o.

Diz'a elle, ha dias:

—Vinho a luz electrica, só eu quero quatro bicos.

Pois, senhor Paulo: em lugar de quatro, pode pôr uma duzia.

Ha muita gente que o mais que tem — são bicos...

A forma classica e purista, o verbaeculo do seu espirito, deixaram-nos profundamente assombados...

E quanto mais cogitamos, mais nos convenemos de que nasceram no seculo XIX duas maravilhas celebrenmente espantosas que hão de immortalizar a Brachara Augusta:

As frigideiras e o «Sarilho!»... Mas que sejam das do Cantinho, porque das do Igo nem cá venham, nem nós lá vamos...

Que felizes que nos julgamos em proporcionar ao sarilhento collega, uma pangaada de riso.

E acharam graça ás nossas gravuras!

Que fortes panlegos. Isso é que elles me sabiram uns ratões!

E deram-nos a honra da primeira pagina! Demais não é qualquer coisa n'um jornal d'aquelles... Chega a ser importante.

Decerto que não foi com receio de que cá os lacrimentos redactores não abrissem o «Sarilho».

Qual! Podiam sarilhar-nos na quarta pagina, porque o «Sarilho» é dos taes periodicos que se leem d'um folego.

Por causa da pilheria, já se vê... O' Baptistinha, dá cá o pé... Mas esperem. Repararam no sarcasmo, na ironia, na mordacidade com que elles (os outros) escrevem?

Não attentem, por São Francisco, a quem elles (os outros) a loram, porque cahiram fulminados.

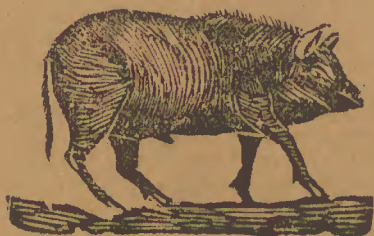
Que chiste... que verve! Espanta a elles e faz fugir bilontra...

Agradecemos muito os diplomas com que pretendem mimozear-nos, que nós, condignamente retribuiremos a gentileza, promettendo uma velinha

A LAGRIMA

a St.º Antonio, que é o advogado d'elles (dos outros), para os preservar de qualquer doença que ataque, e, ao mesmo tempo, illuminar-lhes a sabença.

Bemaventurados os pobres «d'espírito».



Um dia d'estes foi visto com oculo de grande alcance, do alto da Franqueira, por um excursionista barcellense, um bicho medonho passear nos ajardnados do Campo de S. José. Photographou-o instantaneamente. A nossa gravura reproduz essa photographia.

E' um animal digno de ser examinado pelos zoologistas...

Limpezas:

Um velho reitor de Gamil, tiuha boa piada. E' costume depois do mortuorio d'algum cabeceira, (cabeceiras para os parochos inten le-se quem teem dinheiro) irem os amigos do finado, á igreja resar um padre nosso por sua alma. Quem luera com estes padres-nossos é o parochos, porque recebe um tanto de cada resador.

A esta resadella chama-se—*obradas*.

A igreja de Gamil era n'esse tempo pouco asseada, e o velho reitor era limpo, não gostava dos miasmas lá dentro.

Vendo muita gente junta, levanta-se e diz-lhes:

—Quem quizer *obrar* vá allí para fora, para o adro.

E os freguezes e amigos do defunto vieram todos para o adro.

Por causa de *obradas* tambem n'uma freguezia proxima vae o diabinho.

O reitor ficou sem *obradas*. Ralha o regedor, e a regedora comadre é quem paga as favas, porque quanto menoi fór a renda mais a mezada tem de subir

Obrem todos, que dá luero.

Ao menos para os batataes...

Foi prohibido o sr. João José d'Oliveira, commerciante, d'esta villa, de vender a 40 reis o copo da cerveja de pipo, como fazia até agora, —sendo obrigado a fazel-o d'ora avante simplesmente por 30 reis!..

O mais bonito é a ordem do exercito, assignada pelo sr. Pimontel Pinto, inserir tão absurda intimação.

Como sabem, os tasqueiros barcellenses prejudicados pela extraordinaria venda da cerveja barata que o sr. Oliveira está fazendo, pediram providencias superiores para ser augmentado o seu preço, por terem os vinhos adlegados... Estava já lavrado um decreto favoravel aos vendeiros, quando o Rei soube que o Oliveira é republicano. Não esteve com meias medidas, escreveu logo um bilhete postal ao ministro da guerra para este mandar abaixar o preço á cerveja do João,—prejudicando assim, ainda mais, os taberneiros e este nosso amigo.

Cerveja a 30 reis o copo só n'esta desgraçada terra...

¿Conhecem o Manuel? E' um Manel pandego. Cuspilla, cuspilla, e é da Barca. Toma a sua piella que é um medo. Depois, muita aqui, muita acolá, e zás catubum nem sabe o que faz. Ante-hontem fechou a Praça e deixou lá ficar duas mulheres. Mas elle não via... Só viu o outro dia uma posta de sível que metteu no bolso. Oorigado a restituill-a, descompoz-se todo, o mafarrico do porquito...

¿E então? Jurgalina ao buxo, Manel, jurgulina, e o mais deixa correr os marfius.

A Camara que pague.

Um padre em pancas.

Em Fão houve procissão de Passaos.

Quando recolheo á igreja subiu ao pulpito um orador.

Findo o discurso retirou-se o povo, entrando o padre para a sacristia.

Passado tempo foi fechado o templo e o padre ficou lá dentro a lêr...

Para sabir teve de subir á torre dos sinos e agurrar-se a uma badalo afia de o botar a voar...

No tribunal um réo deu o nome trocado por conveniencia.

O Pila (sem medulha, mas com casaca) chama-o:

—Antonio Linheiro, Antonio Linheiro.

O réo levanta-se e diz, escamado:

—Essa nao é a minha *estatu a*.

O juiz nos interrogatorios pergunta lhe:

—¿Então o sr. nao se chama Antonio Linheiro?

Elle em tom d'enfado:

—Pois vá lá...

Lá é que o réo podia ir,—mas abaixo de Braga...